

UM ESPELHO DA HISTÓRIA

Mario Frungillo*

Resumo

Este ensaio procura realizar uma análise do romance cíclico *O espelho partido*, de Marques Rebelo, como o registro de um momento de transição na história política e cultural do Brasil e do mundo (a Era Vargas e a Segunda Guerra Mundial). As relações entre história, memória e ficção presentes no romance, e sua construção narrativa fragmentária são elementos essenciais para a apreensão de um momento histórico marcado por grandes transformações, expectativas angustiantes e profundas incertezas.

Palavras-chave: Marques Rebelo (1907-1973), romance brasileiro, literatura e história.

Ao morrer, em 1973, Marques Rebelo deixou inacabado seu projeto mais ambicioso, um volumoso romance cíclico, planejado para abranger sete volumes, e que levava o título geral de *O espelho partido*. Dos sete volumes inicialmente previstos, apenas três foram concluídos e publicados: *O Trapicheiro* (1959), *A mudança* (1963) e *A guerra está em nós* (1968).

Os três tomos concluídos do romance constituem o diário de um escritor carioca, Eduardo, e se estendem do início do ano de 1936 até ao final de 1944. Mas as datas, nesse diário, referem-se apenas ao dia em

* Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: mfrung@letras.ufg.br

que Eduardo faz as suas anotações. O método de composição do livro não obedece a uma ordem cronológica rigorosa, como seria de esperar em um romance do gênero. Por meio de um processo simples, mas engenhoso, Rebelo dá ao diário de Eduardo uma extensão temporal bem maior do que as datas que marcam as anotações deste fariam esperar. Utilizando-se do método das associações livres, em que uma palavra puxa a outra, um assunto remete a outro, o autor vai tecendo uma rede de referências dentro do seu diário que, por vezes, o levam de volta à infância, por vezes abrem espaço para que personagens já há muito desaparecidas retornem à vida por um breve instante. Em outros momentos a menção a um assunto privado remete a outro de natureza pública, uma preocupação individual leva à reflexão sobre a situação política do momento; esta, por sua vez, faz lembrar um momento similar do passado, e assim por diante. Com isso, o tempo abrangido pela memória de Eduardo nos leva aos primeiros anos do século vinte, ao tempo da República Velha, ao mundo de antes da Primeira Grande Guerra.

Uma leitura mais atenta nos revela também que as datas das anotações sobre fatos do presente do narrador não se referem necessariamente ao dia em que estes ocorreram. Já a anotação que abre o diário, ficamos sabendo depois, se refere a um fato ocorrido algum tempo antes do dia em que ela foi escrita – sem que se possa precisar exatamente quanto tempo decorreu entre o fato e sua anotação no diário. Com isso, algumas passagens dão de início uma impressão de incompletude e obscuridade, pois alguns assuntos são referidos de forma fragmentária, por vezes abandonados por longo tempo, e só com o avançar da leitura o leitor pode ir completando o quadro (ou mosaico, para utilizar uma expressão do próprio Eduardo).

O espelho partido é a obra que encerra a carreira literária de Marques Rebelo. E isso em mais de um sentido. Não só foi a última obra à qual ele se dedicou. Tinha, além disso, a clara intenção de ser uma obra em que todos os temas de sua ficção anterior reaparecessem, mas desta vez integrados dentro de uma moldura unificadora, fazendo deles parte de um todo maior. Com propriedade um crítico classificou a obra como uma suma de época, quando ainda apenas o primeiro volume tinha sido publicado (CARPEAUX, 1999).

Com essa maneira de organizar a narrativa, Rebelo inovou em mais de um aspecto a forma do diário ficcional. Em primeiro lugar,

evidentemente, ao evitar o tratamento cronológico da matéria narrada, além de não circunscrever a narrativa dentro dos limites de tempo estabelecido pelas datas de início e fim do relato. E fez de uma das formas tradicionais do romance intimista o ponto de partida de um vasto painel social, em cuja composição entram materiais dos mais diversos, como notícias de jornais integralmente reproduzidas e longas falas de outras personagens, não raro expressando opiniões divergentes das do narrador. Por outro lado, muitas vezes trata de maneira sucinta e lacunosa acontecimentos importantes da vida íntima do protagonista, como por exemplo suas infelicidades conjugais.

Com tudo isso, torna-se difícil, mesmo impossível, resumir em breves palavras o enredo do romance. Mas não parece mesmo ter sido intenção do autor construir um enredo que tivesse, por si só, interesse. Na verdade, pouco ou nada acontece na vida do protagonista que fosse digno de tornar-se assunto de um romance. O assunto e o interesse do livro são outros. A intenção do autor é, através do diário de Eduardo, refletir sobre as transformações que marcaram o Brasil e o mundo naquele momento histórico. *O espelho partido* não é o romance de um destino individual, nem mesmo de vários destinos individuais. Tudo nele é visto como fazendo parte de um processo histórico, cada acontecimento é visto como reflexo de outro, os destinos individuais se entrelaçam aos destinos de toda a sociedade brasileira, e os destinos desta não estão isolados dos destinos do mundo. E isto num momento de grave crise da civilização.

O momento retratado pelo romance de Marques Rebelo parece ser um daqueles momentos que Hannah Arendt localizou “entre o passado e o futuro”, ou seja,

no estranho período intermediário que por vezes se insere no tempo histórico, quando não somente os historiadores futuros, mas também os atores e testemunhas, os vivos mesmos, tornam-se conscientes de um intervalo de tempo totalmente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda. Na história, esses intervalos mais de uma vez mostraram poder conter o momento da verdade. (ARENDR, 1979, p. 35-36)

Era um daqueles momentos em que o ritmo dos acontecimentos parece se acelerar, em que as incertezas quanto ao futuro se tornam

mais agudas. Em momentos assim, esperança e temor se alternam de maneira vertiginosa, a quantidade de fatos importantes que se sucedem mal pode ser acompanhada pelo espectador. Isso explica a necessidade de dar aquele tratamento não-cronológico ao diário. Para refletir as transformações que levaram ao fim de uma época e ao início de outra, para retratar aquele momento de ruptura, era necessário incluir no diário do narrador as três dimensões do tempo: passado, presente e futuro.

É preciso considerar, assim, alguns acontecimentos que ainda eram recentes no momento em que o diário se inicia, em um dia de janeiro de 1936. Sendo Eduardo um escritor, é evidente que o Movimento Modernista de 1922 é um fato decisivo. No plano político, devem-se mencionar a revolta tenentista e a fundação do Partido Comunista Brasileiro em 1922, a revolução de 1930, a fundação da Ação Integralista Brasileira em 1932 e o levante comunista de 1935. Mas o quadro ficaria incompleto se limitado apenas aos fatos que haviam marcado a história recente do país. Também no plano internacional as transformações tinham sido profundas. A Primeira Guerra Mundial havia encerrado o “longo século XIX” e dado início ao “breve século XX” (HOBBSAWM, 1995). À guerra se seguiram a Revolução Russa de 1917, a ascensão do fascismo na Itália em 1922 e do nazismo na Alemanha em 1933.

Quando Eduardo inicia seu diário, muitas das esperanças suscitadas pela revolução de 1930 haviam sido frustradas. Naquele momento já era claro que o país caminhava para uma ditadura. No ano anterior acontecera o levante comunista, no ano seguinte haveria o Estado Novo, em 1938 a tentativa integralista de tomar o poder. Em 1939 eclodiria a Segunda Grande Guerra.

Quando levamos em conta esses fatos, podemos compreender que as incursões do narrador ao passado não são uma mera expressão de saudosismo. Há a clara intenção de estabelecer um contraste entre um passado recente, mas que parece já distante, dada a profundidade das transformações que nos separam dele, e um presente cheio de incertezas quanto ao futuro, decorrência de uma grave crise cujo desfecho naquele momento ainda não é possível prever. Esse contraste entre um passado recente e um presente de grave crise é fundamental para se compreender a importância da dimensão memoriográfica na composição de *O espelho partido*. Para esclarecer melhor esse aspecto do romance, é útil considerar as obras anteriores do autor.

Marques Rebelo iniciara sua carreira com o livro de contos *Oscarina*, publicado em 1931. Até 1942, quando se encerra o que se poderia chamar de primeira fase de sua carreira, publicou ainda dois outros livros de contos – *Três caminhos* (1933) e *Stela me abriu a porta* (1942) – e dois romances – *Marafa* (1935) e *A estrela sobe* (1939). Sua obra se insere no contexto do romance brasileiro dos anos 30. Dentro das polêmicas que marcaram a literatura brasileira naqueles anos, o escritor, famoso pela língua ferina, formou ao lado dos romancistas urbanos, que se opunham à chamada “invasão do norte”, isto é, ao domínio do romance social nordestino, também chamado de ficção regionalista. Mas essas divisões, por meio das quais se tenta sistematizar a crítica daquela época tão rica e diversificada do romance brasileiro, quase sempre se mostram insuficientes e produtoras de equívocos. Embora tendo polemizado com os escritores do norte, Marques Rebelo produz uma literatura que não se distancia em nada do chamado romance social. Este não representava apenas um modismo, era quase que um imperativo nos anos imediatamente posteriores à revolução de 1930 e à intensa reflexão sobre a realidade brasileira que se seguiu a ela.

Nos contos e romances que publicou durante a década de 1930 – e entre os quais também se deve incluir o volume de contos de 1942, tanto pela temática quanto pelo fato de parte dos textos que o integram terem aparecido ainda dentro da década anterior em revistas e suplementos literários –, Rebelo localizava suas personagens e enredos de preferência nos subúrbios do Rio de Janeiro, o que dá a seus romances e contos urbanos um sabor de passado, de uma forma de vida mais antiga. Agrippino Grieco o notou já ao resenhar seu primeiro livro:

No fundo, malgrado os aplausos ao quarteirão Serrador, ao Rolls Royce e ao cinema falante, sinto-o enamorado de um Rio um pouco mais velho, o Rio do tempo de João do Rio, o Rio que o sr. Ribeiro Couto ainda apanhou um bocado, o Rio poeirento e morrinhento de ciclistas e mascates, de dona Quinota e dona Biluca, do café em quiosque e violonistas acapadoçados gemendo e soluçando entre o luar e o gás da Cidade Nova. (GRIECO, 1947)

Mas não se pode esquecer aqui o fato de que Marques Rebelo também é tributário do movimento modernista de 1922. De um modo geral, tem-se acentuado a distância entre o romance social de 1930 e a

revolução formal levada a cabo pelos modernistas. Mas se é verdade que os romancistas de 1930, em sua maioria, não continuam a produzir obras de caráter vanguardista, não se pode esquecer, por outro lado, que aproveitaram muito da liberdade conquistada em termos de linguagem para produzir uma prosa desataviada, moderna, com um uso expressivo da linguagem coloquial, que é característica da melhor literatura do período. Um conto como “Oscarina”, que dá título ao primeiro livro de Rebelo, não poderia ser escrito como foi sem a liberdade no uso da linguagem que é um dos legados permanentes da geração de 1922. Marques Rebelo irá sempre se reconhecer tributário desse legado, apenas cuidando de evitar o que considerava os excessos do modernismo. Seu horror ao rebuscamento, ao grandioso, o leva mesmo a alimentar muitas desconfianças em relação ao estilo de Guimarães Rosa – não obstante ter sido voto vencido em favor de *Sagarana* num concurso literário promovido pela José Olympio em 1938. No discurso proferido na sessão de saudade promovida pela Academia Brasileira de Letras após a morte do escritor mineiro, Rebelo insinua que o estilo de Guimarães Rosa, se tomado como modelo, poderia representar uma reedição do “ruibarbosismo” e do “euclidismo”, isto é, uma recidiva à prosa repolhuda que sua geração tanto se esforçara por sepultar definitivamente.

Tomando essas duas características aparentemente antagônicas de suas obras, ou seja, o caráter provinciano dos enredos e das personagens, e a modernidade da linguagem, podemos ver que a combinação desses elementos está longe de constituir um paradoxo. Se a prosa urbana de Marques Rebelo não tem o caráter cosmopolita que é tão marcante nos livros de seu contemporâneo José Geraldo Vieira, nem por isso ele pode ser considerado um passadista. Aquele sabor de Rio antigo que encontramos em suas obras é a contraparte da metrópole moderna e agitada que convivia com esta no mesmo espaço geográfico. Como notou Alfredo Bosi, era algo do Rio de antes que ainda sobrevivia às transformações.

O Rio de Janeiro, com toda a sua modernidade internacional de centro turístico, conservou por longo tempo faixas de vida suburbana, estratificada, própria de uma classe média que remonta aos tempos de D. João VI. A revolução industrial e o frenesi imobiliário atacaram de rijo a orla das praias, mas só lentamente

foram alterando a fisionomia da zona dos morros. Aí vegetavam bairros que, se dependiam dos negócios e da burocracia do centro, negaceavam a integrar-se no espírito mercantil e cosmopolita da nova cidade. Marques Rebelo é um nostálgico dos tempos mais simples, mais “naturais”, que coincidiram com a sua infância no começo do século. Mas, sendo um lírico do realismo de 30, mantém uma sutil separação entre os planos do *eu* e da realidade. E acompanha com admirável argúcia os conflitos, as frustrações e as renovadas esperanças daquelas gerações modestas que se ralam para sobreviver em uma sociedade cada vez mais lacerada pela competição. (Bosi, 1985, p. 463)

Essa convivência entre antigo e moderno fica mais evidente no romance *A estrela sobe*. Vinda do mesmo ambiente suburbano das outras personagens de Rebelo, Lenisa Máier chega ao estrelato como cantora de rádio. O contraste entre os ambientes pelos quais ela se movimenta se reflete também no conflito de valores que terminará por tornar incompreensíveis, quando não condenáveis, para as pessoas de seu meio familiar, as escolhas feitas pela protagonista – se é que se pode falar assim a respeito de um romance ao qual não falta tragicidade.

No tratamento dado ao seu conflito central – a carreira da cantora Lenisa, do subúrbio ao estrelato –, o romance *A estrela sobe* representa uma ampliação na temática das obras de Rebelo, tanto no que se refere às personagens quanto ao que se refere ao espaço social retratado. Mas ainda assim trata de um destino individual dentro de um breve espaço de tempo. Com *O espelho partido* ele não só ampliará a abrangência temporal como empreenderá a tentativa de fazer o romance de uma coletividade. Essa afirmação poderá parecer à primeira vista paradoxal, uma vez que se trata de um diário íntimo. Mas esse não é o único aspecto surpreendente do romance.

Desse ponto de vista podemos entender por que o narrador retorna tantas vezes ao passado no seu romance. As origens da crise por ele descrita se localizam antes do momento em que ele vive. É necessário voltar ao tempo da infância, lembrar-se das conversas dos adultos de então, tentar montar um quebra-cabeças que é feito de milhares de peças, fiapos de acontecimentos apenas entrevistados que, ligados a outros fiapos, podem ajudar a compor um quadro mais completo, mais inteligível que, no entanto, ainda não pode ser definitivamente fixado,

pois ainda não parou de se transformar. Mas também é necessário levar em conta o fato daquela sobrevivência de modos de vida mais antigos no presente. E nesse romance, ao contrário do que ocorria em suas obras anteriores, não serão só aquelas personagens que habitavam os subúrbios que ainda trazem marcas de um passado recente, mas que ia rapidamente se distanciando. Também membros da elite e, muito importante para o escritor Eduardo, muitos colegas da vida literária.

Na década de 1930, muito daquilo que o movimento modernista procurara sepultar continuava existindo. Alguns dos escritores mais maltratados pelos modernistas ainda estavam vivos e produzindo. Coelho Neto, uma das vítimas preferenciais, morreria em 1934, e apenas dois anos antes a Academia Brasileira de Letras o apresentara como candidato ao Prêmio Nobel de Literatura. Alberto de Oliveira viveria até 1937 e Afrânio Peixoto – autor da famosa e muito ridicularizada definição da literatura como “sorriso da sociedade” – até 1947. Num livro que dá bem a contraparte passadista daquele momento brilhante da literatura brasileira, Osório Borba lamenta que uma instituição de grande importância na época, o PEN Club, tenha como representante no Brasil uma figura como Cláudio de Souza, que a utilizava para promover a si e a seus comparsas. Sob sua direção, o PEN Club do Brasil promovia tertúlias literárias que nada ficavam a dever aos salões da *belle époque* (BORBA, 1959, p. 40-50). Ao mesmo tempo, e na mesma cidade, a Livraria José Olympio, na Rua do Ouvidor, era ponto de encontro dos melhores escritores da época, em reuniões que se tornaram lendárias.

A posição de Eduardo diante disso tudo é complexa. No seu diário, figuras como Coelho Neto e Medeiros e Albuquerque são ridicularizadas, e ele não perdoa ao seu amigo Arnaldo Tabaiá (uma personagem real, do círculo de amizades de Marques Rebelo) ter pedido a Afrânio Peixoto que prefaciasse seu livro de estréia. Por outro lado, Eduardo não esconde sua admiração por Alberto de Oliveira. Ao contrário, afirma provocadoramente o valor do poeta parnasiano, desconcertando alguns colegas de vida literária que ele faz questão de afrontar.

O caso de Alberto de Oliveira é característico da visão do passado que encontramos no livro. Se Eduardo não é um passadista, ele lamenta que nas grandes transformações pelas quais o Brasil vai passando muita coisa que merecia ser preservada seja levada de roldão. Há para ele

uma nítida separação entre as renovações necessárias e aquelas que representam uma desumanização da vida a pretexto de renovação. Eduardo, como o próprio Marques Rebelo, é um inimigo das demolições que destroem a paisagem e a memória da cidade em que vive.

O desprezo pelo passado é um fenômeno conhecido de nossa época. Em seu livro *Era dos extremos*, Eric Hobsbawm (1995, p. 14) afirma:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e mais lúgubres do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.

Segundo Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva*, enquanto a lembrança dos fatos existir para os membros de uma comunidade, é desnecessário escrever sua história. A escrita da história serve para preservar os fatos do esquecimento, que seria inevitável sempre que fosse rompida a continuidade entre os grupos sociais, ou seja, sempre que os indivíduos deixassem de se sentirem membros do grupo social que mantinha viva a memória coletiva. Halbwachs (1991, p. 34) sintetiza esse fato com a fórmula “a história começa onde a tradição termina”. É num momento de ruptura desses, num ponto intermediário entre o passado e o futuro, que Marques Rebelo situa a ação de seu romance, e é esse o sentido de suas constantes incursões ao passado. Os acontecimentos de ontem servem para iluminar o presente, para ajudar a compreendê-lo. Na memória do narrador ainda se ouvem as vozes de personagens que já deixaram a cena, mas cuja consciência dos fatos de então ajuda a compreender os rumos que as coisas acabaram tomando. É em busca desse passado que muitas vezes Eduardo passeia pelas ruas do Rio, e, quando o reencontra, é como se saudasse velhos conhecidos, que lhe garantem que ele ainda vive na mesma cidade e ainda pertence à mesma comunidade.

A rua Conde de Bonfim era uma das mais cariocas do Rio – cadeiras nas calçadas, fachadas de platibanda, jardins discretos – o doce mau gosto! – e meninas namoradeiras, madressilvas,

magnólias, manacás, bolas de vidro nas varandas, sono às nove horas.

Hoje, é apenas um caminho de ônibus e bondes, ônibus que descem e sobem espocando fumaça venenosa, bondes que vão para a Muda meio vazios ou para o Alto da Boa Vista, carregados de visitantes para a Cascatinha. Mas há uma compensação. Felizmente que há. É que as ruas que desaparecem assim não vão embora totalmente. Mudam-se para outras ruas, algumas ruas mais suburbanas. A rua Dias da Cruz, por exemplo – e Mimi me esperava no portão – é hoje o que era a Rua Conde de Bonfim há vinte anos passados. (*A guerra está em nós*, p. 72)

Mas o amor de Eduardo pelo passado não nos deve enganar. Ele sabe que o que foi não tornará a ser. Se não podemos esquecê-lo, sob pena de perdermos a compreensão daquilo que a nossa vida se tornou, não podemos revivê-lo, ou continuar a viver como se nada se tivesse transformado. No romance de Rebelo, encontramos essa tentativa de inverter o curso natural da existência na personagem Susana Mascarenhas, descendente de uma família tradicional dos tempos do Império. O mais acabado representante do clã é o Desembargador Mascarenhas, que aparece diante de nós como um dos últimos sobreviventes da *belle époque*. Já velho e celibatário, morre, levando consigo o passado de glórias da família. Mas Susana foi criada dentro dos rígidos padrões do clã e destinada a dar continuidade às suas tradições. Enquanto espera por um casamento à altura do brilho de que a família já desfrutou um dia, a moça mantém um salão em que procura conservar um modo de vida social completamente extemporâneo, e cuja frequência, ao longo do romance, vai progressivamente minguando. Susana não tem força suficiente para traçar o seu destino, provavelmente nem mesmo percebe que não vive sua própria vida, mas sim a de seus antepassados. Se o conhecimento e a compreensão do passado são essenciais para entender o presente, ignorar este é exilar-se de sua própria existência, a ponto de não se poder mais compreender o próprio destino.

Ao lado dessas incursões ao passado, é evidente que o que mais preocupa Eduardo é o presente, o momento histórico que ele vai vivendo. Já nas páginas iniciais do romance ele se mostra apreensivo com os rumos da situação política do país. A quase certeza de que Vargas prepara

um golpe para se manter no poder, aproveitando-se da tentativa de revolução comunista do ano anterior, torna-se ainda mais sombria pelas simpatias que o presidente demonstra pelos regimes ditatoriais que se instalaram na Europa:

Getúlio falando aos brasileiros, na noite de São Silvestre, anatematiza o comunismo, “que se alicerçando no conceito materialista da vida, constitui-se o inimigo mais perigoso da civilização cristã”, rememora em cores trágicas a quartelada de novembro, como se fora a única que o país já vira, e promete perseguir e esmagar a hidra moscovita, porém o alarmante das suas palavras é que são elas como que o combinado eco das de Hitler, discursando na mesma noite e quase à mesma hora, nas comemorações do terceiro aniversário da tomada do poder pelo seu partido totalitário. (*O Trapicheiro*, p. 21)

Várias das anotações do diário se ocuparão da violência da polícia na perseguição aos supostos inimigos do regime. Além das observações de Eduardo, a transcrição de notícias de jornal e de discursos políticos dão um retrato bastante fiel do momento. Quando Getúlio dá o golpe que institui o Estado Novo, a situação política se complica, e a perplexidade marca muitas das atitudes de Eduardo e de seus amigos e conhecidos. No início, sua atitude é de passividade, numa demonstração não de indiferença, mas de impotência. Mas trata-se de uma posição incômoda, fonte de um difuso sentimento de culpa. Assim é que ele anota, a respeito do assassinato de um ativista:

Há formas de heroísmo que não compreendo, Admiro, mas não compreendo, às vezes me irritam num jeito muito de meu pai. Que sabemos de nossas reações? Que espelho nos põe nus? Será que minha pusilanimidade se disfarça em pregas de inconsciente, mas calculada incompreensão? (*O Trapicheiro*, p. 34)

A consciência culpada se agrava ao aceitar o convite para colaborar numa revista editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Se, por um lado, a proposta é tentadora demais para ser recusada, principalmente tendo em vista sua precária situação financeira, a auto-acusação de colaboracionismo não tarda, e nem servem de consolo os exemplos de outros colegas de profissão, alguns até

engajados politicamente, que também aceitam o convite: “Os escrúpulos, porém, vieram, e fico dando tratos à bola – papagaio! Como poderei comparecer ao bernal estadonovista sem falar muito ou sem falar nada no Estado Novo?” (*O Trapicheiro*, p. 43).

Próximo ao fim do regime, Eduardo expressará uma expectativa em relação à redemocratização entremeada de sentimentos de culpa que não se devem apenas à sua passividade diante do regime, mas também ao fato de haver contribuído, com seu prestígio de escritor, para dar brilho e credibilidade à revista do DIP.

As idas e vindas do regime de Vargas, como também as oscilações da política internacional, colaboram para tornar ainda mais desnorteante o apego a convicções. Assim, se no início o anticomunismo e as simpatias fascistas do governo tornam facilmente identificáveis as intenções de seus aliados, a perseguição aos integralistas após a tentativa de golpe em 1938 e a entrada na guerra ao lado das forças aliadas em 1944 surpreendem aliados e inimigos na mesma medida. O mesmo se pode dizer da perplexidade dos comunistas diante do pacto de não-agressão firmado por Hitler e Stalin, e da perplexidade dos anticomunistas ao verem a Rússia formar ao lado dos aliados contra o Eixo.

Ao mesmo tempo em que observa com apreensão o desenrolar dos acontecimentos dentro do país, Eduardo não pode deixar de olhar para o que acontece lá fora, no Velho Mundo. Pois ele sabe que não é só internamente que os nossos destinos se decidem. O mundo parecia haver se tornado menor, e as crises que o sacudiam não deixariam de ter conseqüências também para a vida brasileira. Assim, a guerra de 1914, a revolução russa de 1917 e a quebra da bolsa em 1929 não podem deixar de ser referidas, ainda que brevemente, em fragmentos de memória do narrador, e ele não pode deixar de acompanhar diariamente o noticiário internacional, como forma de tentar compreender o que o futuro reserva também para ele, também para o seu próprio mundo.

De certa forma, as batalhas que se travam lá também se travam aqui. Essa situação não é inédita na vida de Eduardo. Ele se lembra de como o pai já acompanhava apreensivo o desenrolar da Primeira Grande Guerra: “Papai acompanhava com o dedo aliadófilo os mapas nos jornais. Os canhões de Verdun vinham ecoar na casa da Tijuca” (*O Trapicheiro*, p. 58).

Agora, no presente, é a vez de Eduardo olhar para o mundo como se fosse para sua própria cidade. Sobre a Guerra Civil Espanhola, por exemplo: “A luta é desesperada em toda a Espanha, e Madri mantém-se firme. A torcida pró-legalista se avoluma. Por todo o mundo há um pouco de Espanha em cada coração livre” (*O Trapicheiro*, p. 59).

E depois do desfecho na Espanha, trava-se o seguinte diálogo:

Por que vocês se preocupam tanto com a guerra da Espanha – pergunta Luísa. – que temos nós com ela?

E é Garcia que responde:

– Temos muito, muito! O mundo hoje, Luísa, é uma coisa só, una, indivisível. A luta deles era a nossa luta. A derrota deles é a nossa derrota. Cada vez que um baluarte da liberdade tomba, mais negro se faz o horizonte para nós e para os nossos filhos. A escravidão é negra, Luísa, negra! (*O Trapicheiro*, p. 113)

Sobre os bombardeios em Londres, Eduardo dirá: “Mas o mundo tornou-se menor. Um gemido londrino é ouvido no Brasil, uma ferida em peito *maquis* faz escorrer sangue em rua carioca” (*A mudança*, p. 51). Tudo o que acontece no Brasil é parte do mesmo drama, e o Estado Novo é evidentemente uma extensão da falta de liberdade no mundo:

Cada bomba que destrói um pedacinho da Inglaterra destrói em nosso coração uma esperança, fortalece a sanha da opressão, e do obscurantismo que ameaça afundar o universo numa outra Idade Média, muralha que se ergue como Bastilha em tanto canto do globo, que se elevou aqui neste torrão também, quando, jovem e sem história, poderia ser a terra da Liberdade, o cadinho onde se fundiria um outro conceito de vida, uma redentora justiça social. (*A mudança*, p. 306)

Aos poucos se vai insinuando a idéia de que, com a derrota do nazifascismo lá fora, também o destino da ditadura brasileira do Estado Novo estará selado. A idéia totalitária é vista aí como uma praga que se alastra e se apresenta sob uma luz sedutora. Se sair vitoriosa do conflito, sua permanência estará assegurada também entre nós. Por isso, o noticiário é acompanhado com angústia cada vez mais crescente, e cada derrota nazista sentida com um alívio mais que justificado:

Sempre Stalingrado no alto do noticiário e das preocupações, cidade que antes para nós nem existia e agora é como se defendêssemos o Rio, esta rua, a nossa casa, o futuro, palmo a palmo, tijolo por tijolo, com unhas e dentes. (*A guerra está em nós*, p. 161)

Uma relação tão próxima com os acontecimentos é facilitada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação. Não só a imprensa escrita tem importância aí, mas também o rádio e o cinema. Este último permite não apenas trazer, por meio de documentários, as imagens da destruição ocorrida a milhares de quilômetros para o pequeno espaço de uma sala de projeção. Para Eduardo, que compartilha com muitos intelectuais de sua geração uma desconfiança instintiva em relação ao cinema, os filmes do esforço de guerra hollywoodiano acabam se tornando uma chateação a que ele não pode escapar, tendo de acompanhar alternativamente esposa e amante às sessões cinematográficas.

Este é um dado importante para a construção do romance. Eduardo não é um participante ativo nos acontecimentos. Mas sentelhes a proximidade de forma mais intensa, por conta da velocidade com que as informações e as imagens viajam de um ponto a outro da terra. Mas essa facilidade de comunicação serve tanto para informar quanto para seduzir. Deve-se levar em consideração que a era do nazifascismo foi das primeiras a usar e abusar de todo o potencial das imagens para a sedução das massas. Grandes concentrações, espetáculos de luz, o culto da beleza (ou do *kitsch*), as demonstrações de poder nas paradas militares, a fascinação pelo progresso tecnológico (mesmo, ou principalmente, quando posto a serviço de objetivos que recaíam na barbárie das eras mais primitivas), a estetização da política encenada como opereta, tudo isso exigia a difusão das imagens para alcançar seus objetivos. E havia abundância delas. Imagens da guerra, dos combates e dos bombardeios, com títulos altissonantes, são apresentadas como atrações nos cinemas, explorando a curiosidade mórbida de alguns e horrorizando outros.

Também o Estado Novo se aproveitará do potencial sedutor dos espetáculos. Assistindo a uma comemoração cívica, no 7 de setembro de 1944, Eduardo sentirá o perigo de perto:

Há revoada de pombos e um programa orfeônico executado por 30 mil escolares, mestre Villa-Lobos na regência, com um pijama de seda de perigoso corte russo. Encontrava-me no meio do campo, por imposição de Lúcio que não entrava no coral, em palanque especial, cujo ingresso foi uma delicadeza de Godofredo Simas. Sabem de uma coisa? Emociona! Volto com o “Canto do Pajé” martelando na minha cabeça.

E no dia seguinte, refletindo sobre o acontecido:

Repasso a emoção de ontem – foi legítima. E isso é grave. Denota a receptividade do coração mais avisado para as festas populares de caráter místico-patrioteiro, como se não morressem jamais nele as disponibilidades pueris para o compasso marcial e a banda de música; demonstra a eficiência com que os regimes de força anestesiavam as massas, cercando-as deliberadamente de fanfarras, cantorias e bandeiras. É grave e não encontro antídoto. (*A guerra está em nós*, p. 502)

Nesse momento de angustiosa expectativa é que o romance se abre também para o futuro. Temor e esperança se alternam nas anotações de Eduardo, conforme a balança dos acontecimentos parece pender para um ou outro lado. Como a narrativa se estende por nove anos, vemos algumas esperanças do protagonista ora se confirmarem, ora se frustrarem. Algumas de suas incertezas terão um desfecho satisfatório, mas alguns temores se mostrarão mais que fundados. Eduardo não pode adivinhar o futuro, mas pode avaliar suas possibilidades, e sob a forma de um pressentimento que se torna fato é que veremos o desfecho da vida de seu irmão Emanuel. Este vive em Liverpool, onde ocupa o cargo de cônsul no serviço diplomático brasileiro. Ao se iniciarem os bombardeios em Londres, Eduardo os vai registrando, até que seus pressentimentos se confirmam, e Emanuel se torna mais uma vítima dos bombardeios. É interessante notar como Rebelo consegue aqui, como em muitos outros momentos de seu romance, imprimir um ritmo à narrativa que intensifica seu impacto sobre o leitor: de início, as anotações que registram seus temores aparecem muito espaçadas, enquanto o desfecho vem rápido e seco, em três dias seguidos:

4 de dezembro

Os nazistas prosseguem martelando o chão inglês. Southampton e Bristol tiveram o seu quinhão. Liverpool, porventura, será poupada? (*A mudança*, p. 346)

13 de dezembro

[...]

E me vem um pressentimento de que ela [Luísa] nunca o verá, e que muito breve só restará um tripulante da pequena barca do Trapicheiro, lutando contra as vagas de um mar incerto. Tento responder animando o ameaçado navegante, mas nenhuma palavra sincera pinga da caneta rancorosa. (p. 351)

16 de janeiro

[...]

E Portsmouth foi severamente castigada por centenas de aviões com bombas incendiárias. Portsmouth e Sheffield. Sheffield e Manchester. Quando se lembrarão de Liverpool? E por todos os muros da cidade o cartaz lotérico, como um sinistro trocadilho – O seu dia chegará... (p. 380)

15 de março

Londres, 15, urgente (U. P.) – Uma bomba V-1 destruiu inteiramente, na madrugada de hoje, o quarteirão onde se localizava o consulado brasileiro em Liverpool. Faltam pormenores. (p. 405)

16 de março

Os pormenores, para mim, vieram hoje. Emanuel morava num edifício de apartamentos, parede e meia com o consulado. A bomba apanhou-o em cheio, reduziu-o a uma cratera. Não foram encontrados os corpos.

Luísa exclamou:

– Santo Deus! (p. 405)

17 de março

Fui chamado ao Itamarati na condição de único parente próximo de Emanuel. Sim, sou o que resta dos divertidos passeios de tio Gastão! Compareci à hora marcada, à hora marcada não fui recebido – a pessoa a quem devia me dirigir fora almoçar. Afinal, mandaram-me entrar. Deferências e formalidades na sala de espesso atapete e candelabros. Recebi-as contrafeito, sentindo

que não tinha direito a elas. O irrepreensível ministro, de mãos ossudas e trêmulas, ensaiou um elevado necrológio, mas interrompeu-o a tempo, lendo no meu semblante o desgosto e a inutilidade de escutá-lo:

– É a fatalidade! – arrematou. (p. 405)

E então seguem-se a busca a velhos retratos e anotações que remetem ao passado, à infância. Com a morte do irmão, Eduardo torna-se o último sobrevivente daquela casa no Trapicheiro, onde viveu a infância. Olhar os velhos retratos é, mais uma vez, contemplar um mundo desaparecido. Se a morte das irmãs – a de Cristininha ainda criança, a de Madalena depois de uma vida curta e infeliz – tinha representado pequenos dramas familiares, a morte de Emanuel, submerso na tragédia coletiva, liga o destino individual de Eduardo aos destinos de um mundo imerso na destruição. Com esse desfecho, podemos compreender toda a extensão de sua observação acerca da batalha de Stalingrado. Mesmo observando-a de longe, “é como se defendêssemos o Rio, esta rua, a nossa casa, o futuro, palmo a palmo, tijolo por tijolo, com unhas e dentes”.

A narrativa se interrompe pouco antes do final da guerra, quando a vitória dos Aliados já é certa. O Brasil, por fim, acabou por enviar tropas para lutar na Itália contra as forças nazifascistas. O fim do Estado Novo também se aproxima. Mas isso não dá a Eduardo nenhuma ilusão a respeito da paz. Que mais uma vez as esperanças suscitadas pelo momento seriam frustradas é o que sugere o título do volume seguinte, *A paz não é branca*. Eduardo sabe que o caminho percorrido é sem volta, que a paz não será o retorno a uma situação anterior, apenas interrompida pelos conflitos. O mundo de ontem findou com a guerra, e algo novo se inicia. Algo ainda indefinido, mas sobre o qual ele não tem uma perspectiva muito otimista. Isso certamente seria tratado no próximo volume da obra. Mas desse quarto volume de seu romance Marques Rebelo não chegou a escrever senão umas poucas páginas, que não chegam ao final de janeiro de 1945. A obra, que deveria abranger a Era Vargas toda, acabou se tornando um romance sobre o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial. Mas seja o que for que estivesse planejado para os volumes seguintes, ao fim do grandioso fragmento que constitui a parte concluída de *O espelho partido*, temos a nítida impressão de que a distância que nos separa do tempo de infância nela retratado cresceu

de maneira desproporcional ao tempo transcorrido desde o início da narrativa, em 1936.

Esse fato fica mais claro na última visita que Eduardo faz à sua amiga Susana Mascarenhas. Sim, algo da *belle époque*, mesmo do Império, ainda continuava a existir. Nem todos os atores ainda tinham desaparecido. Mas o triste abandono a que Susana fora relegada e a incapacidade de sua gente de compreender tudo o que havia acontecido dão à cena descrita um ar de grotesca fantasmagoria. Apesar de longa, vale a pena reproduzi-la como maneira de encerrar estas considerações, pois de certa forma ela resume a visão do romance sobre aquele momento de transformações rápidas e profundas:

Rosa que sobrou do vendaval, rosa murcha, rosa sofrida, é Susana, sob o halo do quebra-luz de seda e franjas, espetadinha na conversadeira de peroba-rosa e desgastado estofado florido, provavelmente a última conversadeira existente no Rio de Janeiro e que Adonias inveja como um desvairado. Deu um pulinho de passarito assustado, atirou-se para mim:

– Você! (Era um grito de gratidão que se traduzia: – não me abandonou!)

Como seria possível? – os meus elos não se quebram facilmente, de duro e inoxidável metal. Na passeata sem destino, o ar da noite refrescando os pensamentos turvos, fui me virando insensivelmente para o desfeito salão, mas permanente estuário de amizade. O gradil é alto e inviolável – parei – era ali o portão do mundo antigo... Entrei, abafando a sineta, como um bom gatuno, um gatuno que não viesse roubar, mas oferecer, surpreendi-a:

– Você!

Não passou um minuto:

– A nossa França salva!

Por encanto da fada Morgana, seus pruridos nazistas, fomentados pela parentela, se esvaeceram. Crê que tudo voltará ao que era dantes, uma França intacta, que a educou mental e costureiramente, com o que tinha de mais fesandê, tornará a reinar nas suas idéias e nos seus vestidos, perfumará seus lenços e suas mãos, que nunca trabalharam.

– A sua França morreu, querida! – gostaria de lhe gritar e bem alto. Mas contenho-me – há almas incorrigíveis. Susana morrerá como nasceu, deliciando-se com os romances de Feuillet,

inebriando-se com as poesias de Paul Fort, embalando-se com as melodias de Chaminade. E limito-me a abraçá-la com ternura:

– Pois é... Custou, mas foi.

Há lágrimas nervosas, furtivas, logo enxutas. É que chegam Mascarenhas – o banqueiro, o corretor, o diplomata, que na linguagem do clã é o *attaché* – como que atraídos pelo visitante noturno, como que a chamado da sineta que para eles badalou qual misterioso alarme contra incêndio. Moram em frente, ao lado, pelas redondezas, formam um arrecife protetor à volta da célula-máter.

O banqueiro está inquieto:

– Se os aliados não avançam a todo o pano, os comunistas chegam primeiro e conquistam a Europa!

– Mas os russos estão entre os Aliados – cutuco-o.

Faz um ar esperto:

– Nós sabemos como...

O *attaché* cofia o bigodinho e sorri, como se denunciando silenciosamente daquele segredo de Estado a que somente os diplomatas de carreira, com a sua desgastada maçonaria, têm acesso. O corretor exclama sem quê nem para quê:

– Batalha do Riachuelo!

Susana sabe – afinal! – da minha ojeriza a chá. Propõe um fresco de carambola – fruta de seu quintal, que ainda tem caramboleiras.

A luz se apaga repentinamente e o *attaché* acende o isqueiro florentino, suspende-o como um ridículo archote.

– *C'est la lumière...*

É o surrealismo! (*A guerra está em nós*, p. 444-445)

Abstract

AMIRROR OF HISTORY

This essay presents the analysis of the Marques Rebelo's roman intitled *The broken mirror*, which had registered a transition period in the Brazilian political and cultural history (Vargas Age and Second World War). The fragmentary narrative and the relationship between history, memory and fiction are the principal elements to understanding the uncertain historical moment.

Key words: Marques Rebelo (1907-1973), Brazilian roman, literature and history.

Referências

- ARENDET, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Persectiva, 1979.
- BORBA, Osório. *A comédia literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Suma de época. Ensaios reunidos (1942-1978)*. v. I, Rio de Janeiro: UniverCidade: Topbooks, 1999.
- GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- HALBWACHS, Maurice. *Das kollektive Gedächtnis. (A memória coletiva)*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1991.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- REBELO, Marques. Discurso na sessão de saudade. In: LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA. *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, 1968.
- _____. *O Trapicheiro*: primeiro tomo de *O espelho partido*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *A mudança*: segundo tomo de *O espelho partido*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *A guerra está em nós*: terceiro tomo de *O espelho partido*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.